

Faces do intelectual Affonso Ávila

Leticia Malard*

Resumo

O texto aborda duas fases de Affonso Ávila: a do pesquisador e a do poeta, procurando mostrar como ambas se cruzam e se articulam. Considera fundamental observar que as pesquisas de Ávila sobre o barroco, bem como sua produção poética em concomitância, se confluíram e se conjugaram, ou seja, a pesquisa invadiu a poética. Considera o legado da poesia e da pesquisa de Affonso Ávila como as duas faces da moeda do ouro intelectual das Gerais.

Palavras-chave: Affonso Ávila. Pesquisador. Poeta. Barroco.

Vamos abordar duas faces de Affonso Ávila: o pesquisador e o poeta, mas exemplificando como ambos se cruzam e se articulam.

Lembremos o pesquisador: considero Affonso Ávila o expoente da pesquisa sobre o barroco em Minas Gerais. Navegou por mares nunca dantes navegados: em cidades históricas, vasculhou arquivos que primavam pela desorganização e má conservação. Deu-lhes um mínimo de ordem e limpeza da poeira e mofo para poder garimpá-los. Teve de enfrentar chuvas e trovoadas nos altares dos guardiões de armários e estantes que escondiam riquezas de espantar. Bateu de frente com vários tipos de autoridades que temiam a vinda à luz de escritos e objetos que, segundo elas, deveriam permanecer trancafiados para sempre, porém à vista só de alguns poucos com petição de privilégio.

Mas, quase sempre a duras penas, Affonso também conseguiu levar para seu lado gente grada, que tinha sensibilidade ante o assunto e chaves de cofre para pesquisas, eventos culturais e publicações. Demonstrou que histórias da vida privada de séculos atrás deveriam transformar-se em plataformas de conhecimento público no século XX. Promoveu congressos internacionais sobre o Barroco e fundou a revista de mesmo nome, que projetaram Minas para muito além de seus

* Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Este texto, com algumas modificações, é parte do texto “Affonso Ávila: pesquisa & poesia”, publicado na **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, Fase VIII, ano I, nº 72, julho-agosto-setembro de 2012, p. 229-239.

arraiais. Manteve contatos com pesquisadores e estudiosos da área no mundo inteiro. Pesquisou, escreveu e publicou em coautoria um excelente glossário sobre o Barroco na arquitetura e na ornamentação.

Passemos ao poeta: Desde seus primeiros versos, foi um intelectual do seu tempo, engajado em correntes da poesia de sua época e dialogante com outros poetas contemporâneos. Seu fazer poético centrava-se na garimpagem da palavra única e insubstituível naquele texto, naquele contexto, palavra não em estado bruto do dicionário comum, em ordem alfabética, mas organizada em arquivos gramaticalizados. Das gavetas desses arquivos, o poeta ia retirando, como um cuidadoso e curioso colecionador, famílias de palavras para a elaboração de seus poemas: palavras só radicais, palavras formadas por prefixação e/ou sufixação, palavras que se encaixam no ritmo ou na rima desejada, a fim de materializar o poema enquanto objeto artístico. A obsessão pela palavra certa no lugar exato é uma característica fundante do seu trabalho com a linguagem.

Assim, é possível detectar resíduos barrocos em quase todos os poemas de dois dos seus livros: o primeiro, **Código de Minas**, de 1969, edição politicamente censurada pela ditadura militar, tendo nova edição com o texto integral em 1997; o segundo, **Cantaria barroca** (1975), livros que são publicados paralelamente às pesquisas que o autor realizava sobre o barroco. Convém esclarecer que não estamos classificando Affonso Ávila como poeta barroco, ou barroquizante, ou neobarroco, ainda mais porque somos adeptas da teoria de que um estilo de época – caso a preferência seja analisar a literatura por esse prisma – se apresenta com determinantes histórico-sociológico-espaciais bem limitadas e delimitadas. Assim, falar de “eternização” de estilos é uma metáfora que, se mal utilizada, pode detonar inadvertidamente certas categorias operacionais da Teoria da Literatura. O fundamental é observar que as pesquisas de Ávila sobre o barroco, bem como sua produção poética em concomitância, se confluíram e se conjugaram, ou seja, a pesquisa invadiu a poética.

Primeiramente, observe-se a conjugação das datas: em 1967 Affonso publicou o **Resíduos seiscentistas em Minas** – livro sobre o barroco – e, em 1969, a 1ª. edição do **Código de Minas**. A partir de 1973 assessorou *in loco* o Plano de Conservação, Valorização e Desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana, da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura – UNESCO – em parceria com a Fundação João Pinheiro – FJP. Nessa época são recolhidos verbetes para o **Glossário de arquitetura e ornamentação**. Em 1975 saiu o **Cantaria barroca**.

Sobre essa assessoria, cito Affonso:

Entre minhas funções, eu teria de percorrer rua por rua, beco por beco, monumento por monumento, a cidade de Ouro Preto. Apaixonei-me pelo trabalho e com paixão fui novamente tocado pela poesia, de forma mais direta, de forma mais concreta – se posso usar o termo sem suscitar crítica equivocada. Eu estava lidando com a *coisa* e a *essência da coisa*: casas, frontarias, decoração, feição urbana e um repertório imenso de vocabulário que acabei compilando num *Glossário* muito útil nos cursos de arte e arquitetura. Cada objeto falava por si e tinha uma linguagem própria e o poeta o ouvia e aprendia com uma sensibilidade também própria. Nasceu dessa confluência entre o *ver* e o *sentir* a **Cantaria barroca**, livro que acredito não tenha superado. (ÁVILA, *apud* AGUIAR, 2006 - destaques do autor).

Por consequência, detectam-se resíduos barrocos nos poemas daqueles livros – tais como textos epigráficos em parceria lúdica com versos, palavras evocadoras do Seiscentos, itens do culto religioso, objetos artísticos ou do acervo cotidiano. Em suma, pode-se afirmar que o clima, a história, o texto e o campo das pesquisas transmigraram para a poética, tal o amor e o encantamento de que se reveste o trabalho tanto do pesquisador quanto do poeta.

O **Código de Minas** é composto por vinte e um poemas e traz esta epígrafe do inconfidente Cláudio Manuel da Costa: “O grande corpo das Minas Gerais” (ÁVILA, *apud* AGUIAR, 2006). Cada poema tem, por sua vez, uma epígrafe, também relativa a Minas, extraída de escritores e historiadores mineiros, ou de viajantes, religiosos e cientistas que estiveram nas Gerais em diferentes épocas. Servem também de epígrafe um aviso de rodovia e um resumo de notícia de jornal, do **Correio da Manhã**, de 1965. Dessas epígrafes, três remetem ao Barroco e/ou a sua época. Acreditamos ser fundamental integrá-las à análise dos respectivos poemas, participantes que são desse código mineiro de leis da Poesia.

Dado o limite de tempo, focalizemos apenas o poema “Anti-romanceiro das mulheres brisas”. A notícia do jornal que o epigrafa diz: “Um grupo de senhoras e moças da sociedade mineira acaba de fundar a Liga da Mulher Manda-Brasa, associação que terá como programa a luta contra os preconceitos e opressão.” Explicando aos jovens, “manda-brasa” é uma gíria dos anos 1960, significando “valente”, “corajoso”. Também era o nome afetivo do Movimento Democrático Brasileiro – MDB – atual Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB –, partido de oposição à ditadura, ou seja, partido ManDa Brasa. A gíria dialoga com uma frase similar do cantor Roberto Carlos, ouvida em seus shows à época,

para designar a excelência de alguém ou alguma coisa: “É uma brasa, mora!”.

No poema, as mulheres manda-brasa são divididas em corruptas e subversivas. As corruptas (não necessariamente no sentido financeiro, que é o que predomina atualmente) são Marília [de Dirceu], Emereciana sua irmã, e Ana Jacinta de São José, mais conhecida como Dona Beja do Araxá. Não vem ao caso discutir o adjetivo “corrupta” aplicado à noiva de Gonzaga e à irmã dela, mas há lendas que invertem a boa imagem que restou delas.

As subversivas são Ana Felipa de Santa Quitéria, Elvira [Cupelo Colônio] e “Wanda Vânia Wanda” [Wanda Holfs, Dilma Vana, Vânia Roussef e Wanda Figueiredo]. Era do conhecimento dos contemporâneos que Wanda Holfs e Wanda Figueiredo trabalhavam na militância política, muitas vezes na clandestinidade, assim como Dilma Roussef. Esta adotou codinomes, como o de “Vânia” e “Vana”, sendo este último um de seus nomes próprios.

Ana Felipa participou da Revolução Liberal de 1842, marchando sobre Sabará à frente de 700 homens. Elvira, também conhecida como “Garota”, foi militante e companheira de Antônio Bonfim, secretário geral do Partido Comunista Brasileiro na década de 30. Acabou sendo executada como espiã anticomunista. E as “Wanda, Vânia, Wanda” foram presas ou torturadas no pós-64. Affonso designa-as de “mar (x) itainistas” – mistura de Karl Marx e do filósofo católico Jacques Maritain, ou seja, comunistas religiosas. Isso porque algumas presas políticas do 64 eram ligadas à chamada esquerda católica, especialmente no estado de Minas.

Vejamos alguns aspectos em que esse poema dialoga com o Barroco.

Primeiro aspecto, o título – “Anti-romanceiro das mulheres brasas”: não se tem um romanceiro genuinamente histórico e bem comportado, à moda Cecília Meireles em seu **Romanceiro da Inconfidência**, mas um anti-romanceiro. Essas mulheres-brasas, brasas do turíbulo na festa profana da poesia, carnalizam o projeto poético de Ávila, tal qual a festa do triunfo eucarístico que ele publicara, onde o Santíssimo Sacramento tem no cortejo toda uma parafernália pagã, aí incluída a representação dos deuses Marte, Júpiter e Vênus. Assim, as mulheres guerreiras estão para Marte, assim como as belas sexualizadas estão para Vênus, ao redor do Poder masculino jupiteriano que detém nas mãos o julgamento delas.

Aliás, no estudo sobre o **Triunfo eucarístico**, texto de Simão Machado sobre uma festa religiosa com ingredientes profanos realizada em Ouro Preto em 1723, Affonso trata da questão do carnaval, antes que Bakhtin aparecesse por aqui. E mais: a mulher-brasa político-partidária Elvira também pode evocar a famosa atriz dos anos 50, Elvira Pagã, que expunha o corpo e ideias muito

avançadas para a época. Essa Elvira paulista disputava espaço com outra mulher-brasa a começar pelo codinome, Luz del Fuego, a Eva mineira que se exibia seminua enrolada por serpentes.

Elvira foi uma das maiores atrizes do Teatro de Revista, espécie de show em que atuavam mulheres com pouca roupa para a época. Foi a primeira a usar biquini nas praias do Rio, posou nua na década de 1950, distribuindo a foto como cartão de natal. Imaginem o escândalo. Pagã e Fuego compunham a dupla mais ousada de “mulheres manda brasa” de meados do século XX. Assim, a divisão binária se entrecruza carnalizadamente, na medida em que também existem mulheres “corruptas-subversivas”.

Segundo aspecto: o poema se divide formalmente num oposicionismo binário, típico do barroco: no primeiro grupo, localizam-se as mulheres “corrompidas” pelo sexo; no segundo, as subversivas envolvidas pela atuação política. Em que pese o sofrimento dessas mulheres reais, discriminadas – sexual ou politicamente – Ávila soube uni-las no poema em um jogo metafórico irônico e barroco, como uma espécie de ilustração do que afirma no primeiro capítulo de um dos seus livros sobre o barroco. Vítimas do obscurantismo moral-religioso-inquisitorial por um lado, e do absolutismo golpista-ditatorial por outro, essas mulheres encenam as respostas poéticas lúdicas – subjetivas/coletivas – nos termos do pesquisador. Afirma ele:

Ao mesmo tempo que condicionado a fatores de uma realidade envolta muitas vezes em sufocante obscurantismo, o barroco soube encontrar, em meio aos fantasmas da inquisição e do poder absoluto dos reis, a válvula de escape do jogo criativo, do jogo ritual, deles fazendo uma grande resposta subjetiva ou coletiva.
(ÁVILA, *apud* AGUIAR, 2006).

Um terceiro aspecto é que cada grupo de mulheres traz no subtítulo a palavra “prontuário”. O vocábulo não remete apenas à acepção de “ficha policial” – pois eram criminosas em sua condição de “prostitutas” ou comunistas, segundo o código moral ou a legislação partidária da época. Prontuário é também o livro do jesuíta Manuel Severim de Faria (1583-1655), considerado o fundador do jornalismo luso-brasileiro e autor do **Prontuário espiritual e exemplo de virtudes** (1651), que Affonso pode ter conhecido em suas andanças por bibliotecas e arquivos, ou só de referências. Mulheres Bravas são exatamente o inverso do exemplo de virtudes, como entendido pela religiosidade contrarreformista retomada com pequenos ajustes pela guinada moralizante do governo estabelecido em 1964, combinado com a repressão militar dos anos de chumbo que se sucederam.

Um último aspecto se constitui no emprego de palavras comuns ao contexto da Vila Rica barroca ou barroquizante, propositadamente destoantes dos neologismos aí utilizados: “devassa” (no sentido de “inquérito”), “infâmia”, “áulicos”, “florões”, objetos do culto religioso. Exemplificando: Dona Beja é “cândida cameável” – adjetivo derivado de “cama” – mas também “fênix fescenina”. Fênix é o pássaro que renasce das cinzas e que intitula a famosa antologia barroquizante **Fênix renascida**; combinado com “fescenina”, obscena, remete a episódios da vida amorosa da bela de Araxá.

Há também um latim parodístico de “*per omnia secula seculorum*”, mesclando o dualismo “sagrado” *versus* “profano”: três estrofes sobre Dona Beja terminam em “*per sexo seculorum*”, rimando com “oratório”, “genuflexório” e “aspersório”. Estamos dentro dos jogos barrocos do xadrez de palavras, dos sermões vieirianos imitados pelos padres que pregavam nas igrejas de Ouro Preto, Mariana, Congonhas, etc. dos séculos mineradores.

E aqui concluímos, dizendo que o legado da poesia e da pesquisa de Affonso Ávila são as duas faces da moeda do ouro intelectual das Gerais.

Abstract

This text contemplates two facets of Affonso Ávila: the researcher and the poet, showing how they relate. It is fundamental to observe how Ávila’s research about the baroque style intertwined with his poetical exercise. This paper considers both of these characteristics of immense intellectual contribution and importance for the field of literature.

Key words: Affonso Ávila. Researcher. Poet. Baroque.

Referências

- AGUIAR, Melânia Silva de. **Fortuna crítica de Affonso Ávila**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais e Arquivo Público Mineiro, 2006.
- MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.